

A BRONCA NA SALA DE AULA, UMA VISÃO DO PROFESSOR

BENTES, Nilda de Oliveira – UEPA. – lnetto@amazon.com.br

GT: Psicologia Educacional/nº 20

Agência Financiadora: UEPA

O presente trabalho apresenta o resultado de uma pesquisa cujo foco de análise foi a presença da bronca na dinâmica das interações docentes. Partimos do pressuposto de que, quando o fluxo verbal das interações de sala de aula é entrelaçado por uma bronca, se efetiva uma multiplicidade de aprendizagens que se juntam às trocas verbais na passagem do conteúdo ensinado, “o conhecimento sistematizado não vem sozinho”, afirma Saviani (1983, p. 23). É articulado a manejos de classe, rituais pedagógicos, e a estratégias que vincula o instrucional e o disciplinar num jogo dialógico em várias direções. Ou seja, o professor ensina os “conceitos escolares”, mas também dá uma bronca no aluno “desatento”, que não faz “as tarefas”, ou que é “bagunceiro”, etc. No espaço escolar, se vive uma variedade de atmosferas deflagradas pelo fluxo verbal das relações sociais da aula. A bronca é, portanto, uma instância desta dinâmica complexa de múltiplas aprendizagens que a escola oferece.

O professor não ensina só o que ele pensa ensinar, e o aluno não vivencia apenas a aula com o conteúdo da matéria e os modos de operar o conhecimento sistematizado, mas incorpora sentimento, normas e valores que se ligam às palavras que emergem dos ditos que permeiam o fluxo verbal das interações docentes. O discurso verbal, diz Bakhtin, (1992), é insuficiente para exprimir tudo que na verdade a interlocução quer dizer. Muita coisa não é dita verbalmente, mas fica presentificada na rede de relações, e é interpretada pelo outro. Segundo Vygostsky (1987, p. 108) “o sentido da palavra é a soma de todos os eventos psicológicos de nossa consciência”.

O professor ensina mais do que declara e menos do que pensa, como nos lembra Bakhtin, (1992, p, 124) “a comunicação verbal entrelaça-se inextricavelmente aos outros tipos de comunicação e cresce [...] é sempre acompanhada por atos sociais de caráter não verbal (gestos do trabalho, atos simbólicos de um ritual, cerimônias, etc)”.

A partir da pesquisa de campo foi possível analisamos as vozes dos professores, colocando em foco as relações sociais da aula, indagando: que significações têm a bronca nas relações docentes? O que as palavras revelam quando a fala verbalizada implica uma bronca a um aluno, ou a uma classe toda?

OBJETIVO

Estudar a bronca na sala de aula como uma das instâncias da dinâmica complexa das relações docentes e os tipos de lições que promove ao se entrelaçar ao conteúdo ensinado que tem impacto na formação do aluno como pessoa e na docência do professor.

METODOLOGIA

Os sujeitos deste estudo foram dez professores que no ano de 2004 atuavam em duas escolas públicas de Ensino Fundamental e Médio da cidade de Belém PA. Os campos de pesquisa foram instituições escolares situadas no entorno da Universidade do Estado do Pará, UEPA.

O desenvolvimento da pesquisa privilegia o enfoque qualitativo. A ênfase é nas experiências dos participantes ao longo de sua trajetória de sala de aula, e projeções com relação aos planos de docência em escola pública

Usamos a observação participante e entrevista semi-estruturada nas escolas em quietão, junto a dez professores das escolas selecionadas, visando analisar os dados à luz de teóricos como Bakhtin (1992, 1997) e Vygotsky (1987, 1998) e autores sócio-históricos contemporâneos brasileiros. As proposições de Santos (2001) foram consideradas quanto ao conceito de autoridade partilhada nesta pesquisa.

Segundo Freitas, (2003, p. 33), “a observação, numa pesquisa de abordagem sócio-histórica, se constitui pois em um encontro de muitas vozes: ao se observar um evento depara-se com diferentes discursos verbais, gestuais e expressivos”. Nesse sentido, a nossa participação ultrapassou os limites da presença física do observador no campo da pesquisa, pela relação que estabelecemos no processo de convivência com os sujeitos professores das turmas. Essa posição do observador nos permitiu conhecer certos aspectos da rotina da sala de aula, que ajudam a pensar o contexto investigado, fornecendo elementos adicionais para analisar o problema focado.

Ao levar em consideração a teoria enunciativa da linguagem de Bakhtin a autora referida anteriormente afirma (Ibidem, 2003, p.34) “a entrevista [...] da pesquisa qualitativa de cunho sócio-histórico tem a particularidade de ser compreendida como uma produção da linguagem. A entrevista acontece entre duas ou mais pessoas: entrevistador e entrevistado(s) numa situação de interação verbal e tem como objetivo a mútua compreensão”.

Os registros das entrevistas expressam as significações que os entrevistados dão às relações dialógicas do professor em sala de aula, no que concerne aos acontecimentos referentes à bronca como intervenção disciplinar.

A PESQUISA

1- O PERÍODO DE AMBIENTAÇÃO

O estudo iniciou com a seleção do campo da pesquisa e da população-amostra. Para procedermos esta primeira fase de trabalho, realizamos visitas as escolas publicas campo de coleta dados deste estudo.

Com este propósito, após a seleção das escolas começamos o período de ambientação que se caracterizou por ser o momento em que preparamos o ambiente para darmos início ao nosso trabalho de coleta de dados.

As atividades desta fase constituíram-se em visitas às instituições, participação em eventos da escola, como “festa do dia das mães”, “posse do Conselho de Pais e Mestres”, conversas informais com as professoras, corpo técnico e administrativo da escola e outros.

Começamos um longo processo de inclusão/acolhimento. Essa espera nos levou a elaborar hipóteses acerca de que o olhar do outro nos causa, de certa forma, instabilidade, especialmente quando esse olhar foca uma observação em sala de aula. É uma situação que movimenta em nós um processo de intimidação e nos deixa um estranhamento que implicam atitudes e comportamento monitorado por esse olhar. O observador parece ser visto como suspeito. E em função disso começam alguns entraves como: limitações impostas aos procedimentos da pesquisa. Entretanto, ao final de certo tempo o grupo professores das escolas se formou, ou seja, 5 professores de cada uma delas aceitaram ser sujeitos deste estudo.

Na observação participante, focamos os padrões discursivos que estruturam a interlocução entre professores e alunos nos momentos em que, ao entrejogo do ensinar/aprender, é entrelaçado o conteúdo ensinado, uma bronca a um aluno, ou a classe toda.

Nesse contato direto do pesquisador com a realidade de sala de aula, a hipótese dialética de que não existe nada eterno, fixo, absoluto nos ajudou na coleta de dados. Tudo que existe na vida humana e social está em constante mudança, tudo é perecível. Nossa metodologia de pesquisa incide sobre os processos, nunca compreendida como objetos fixos e estáveis. Nesse sentido, a história social, econômica, a memória coletiva, a ideologia, a própria historicidade da instituição escola, tornam-se, assim, fundamentais, e constituem aspectos importantes para compreendermos processos e construções dos professores aqui pesquisadas acerca da idéia que têm sobre a bronca e as relações docentes.

2- A GUIZA DE CONCLUSÃO

Os resultados desta investigação mostraram que, em meio a eventuais rituais desmobilizantes, como as aulas repetitivas em algumas situações, e aplicação da bronca como estratégia punitiva, entrelaçada ao fluxo verbal na passagem do conteúdo ensinado, é acompanhado de: gritos, olhar ameaçador, tons ríspidos e palavras repressivas. Logicamente, que quando o professor diz “se não estudarem, vai se pior pra vocês porque não passam no vestibular”, está sugerindo outras coisas ditas subjacentes à enunciação, que serão significadas pelo sujeito ameaçado. Se ao fluxo verbal das interações subjaz uma ameaça o vínculo efetivo eu-outro se transforma e fica esmaecido. Geralmente o medo aparece, e a pessoa experimenta intranqüilidade e passa a agir sob pressão.

Esse tipo de disciplinamento leva, freqüentemente, a estados subjetivos indesejáveis para a formação da pessoa. Uma decorrência provável está no constrangimento que faz com que o outro se torne uma pessoa reservada, e limitada em suas atitudes. Conseqüentemente, o sujeito punido aprende outras lições que o marcam como pessoa.

A fala do professor, ao punir com uma bronca seu aluno, se cruza com muitas outras falas; inclui as que antecedem aos enunciados punitivos que faz. Ele fala o seu próprio tempo, mas também a sua cultura, o seu meio social, as leituras que fez, as normas sociais pelas quais se formou etc. Conseqüentemente, quando fala, o seu agir ou o seu pensar não

retrata apenas o que faz por ele mesmo, mas, parafraseando Bakhtin (1997), faz a partir das marcas sociais, dentro do fluxo de comunicação verbal coletivo.

Para os sujeitos da pesquisa a intenção de quem dá uma bronca a um aluno, por vezes, não é ridicularizar o outro. É, quando muito, um recurso para acalmar a turma, trazer de volta a atenção do aluno distraído e, com o silêncio que se instala, criar um clima de aprendizagem. Outras vezes, o propósito é de uma “intervenção de choque” para fazer o sujeito funcionar, uma vez que o professor não sabe mais como lidar com esse tipo de aluno. Tudo isso pode ser conseguido, mas de uma maneira muito dolorosa para o aluno, porque ensinar com gritos e coação não é uma maneira promissora de coordenar as relações sociais de sala de aula. Apenas ensina sobre a instituição escolar como instância de poder autoritário.

Outras práticas pedagógicas baseadas na “autoridade partilhada”, e na dinâmica de interação, e interlocução mais propícia às aprendizagens e formação da pessoa, emergem nas falas dos sujeitos. O diálogo com o aluno que falta às aulas, ou que apresenta um desempenho irrelevante nos trabalhos são apontados, nas entrevistas, como intervenções que relativizam a autoridade do professor por partilhar com o aluno trocas em que acordos são firmados, e melhoram a aprendizagem do aluno, por se sentir compreendido nas suas necessidades; ou como formas de lidar com as situações, na relação professor/aluno e no processo ensino/aprendizagem.

A atuação docente com autoridade, que se flexibiliza, e se constitui na prática da autoridade partilhada, é segundo os depoimentos dos entrevistados, um professor que aconselha, conversa, explica, e que realmente ensina. Na perspectiva bakhtiniana, a entoação ajuda a completar o enunciado do discurso, que visa a compreensão do assunto da aula, possibilitando assim o gosto e o interesse pela escola, pelo professor e pelo estudo. A “autoridade partilhada” é, na complexidade do trabalho pedagógico, uma intervenção positiva do professor. É que essa prática social concebida na relação dialógica vai atribuindo sentido no mundo escolar do aluno e, ao fazê-lo, cria no sujeito novas formas de lidar com as lições de aula que antes pareciam “chatas”, mas que agora são aceitas e realizadas com satisfação e gosto.

REFERÊNCIA

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitrec, 1992.

_____, *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FREITAS, Maria Tereza. SOUZA, Solange Jobim. KRAMER, Sônia. *Ciências Humanas e Pesquisa*. Leituras de Mikhail Bakhtin.. São Paulo: Cortez, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A crítica da razão indolente. Contra o desperdício da experiência*. São Paulo : Cortez, 2001

SAVIANI, Demerval. Tendências e correntes da educação brasileira. In. MENDES. D.T. (org) *Filosofia da Educação brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983, p 19-47.

VYGOTSKY, Lev. Semenovich. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

_____, *A formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.